

## Farturas da Terra

Foco nas histórias rurais  
de Mato Grosso do Sul





## Espaço garantido

Pelo quarto ano consecutivo o Jornal Laboratório Em Foco abre espaço para assuntos relacionados à

Comunicação Rural. Desde 2006, os acadêmicos-repórteres do Curso de Jornalismo da UCDB fazem matérias abordando o tema, a primeira experiência foi em novembro do citado ano, na edição de número 56, quando foi abordada a riqueza rural do Estado. Em 2007, uma edição especial sobre a 69ª. edição da Expogrande contou tudo sobre

uma das maiores exposições agropecuárias do Brasil. Em junho do ano passado, no Em Foco número 104, o destaque foi para o setor produtivo da carne, entre outros assuntos.

Vinte números depois, voltamos ao tema : a fartura produtiva do espaço rural. Desta vez com um diferencial, acadêmicos de Jornalismo e PP juntos.

Os futuros publicitários, fizeram os anúncios, com apoio da agência Mais Comunicação, e os acadêmicos-repórteres, que também estavam no terceiro semestre, as matérias. A edição especial conta ainda com reportagens do pessoal que cursava a disciplina Comunicação Rural no sétimo semestre de Jornalismo da UCDB.

## Estilo

*Clássicos da música caipira em versão acelerada*

# Sertanejo dita ritmo universitário

**Renan Gonzaga**  
**Elverson Cardozo**

Já não se vê o gingado maroto ao som do batuque dos tambores e o manejo dos pandeiros como se via antes no tão conhecido pagode; já não se ouve a voz branda na cadência do pop rock, nem as vozes frenéticas das canções de rock. O som do cavaquinho deu lugar aos acordes melódicos do violão; a suavidade do pop rock e a euforia do rock transformaram-se em nostálgicas palavras. A independência e desenvoltura do pagodeiro cederam lugar aos passos de um “baileiro” alterado pelo tempo.

O que se ouve e o que se vê ultimamente é o bater das palmas das mãos e solas das botas para espantar a solidão. Um tradicional estilo musical ganhou nova vertente e agradou um grande público em um curto espaço de tempo.

Para alegria de uns e desespero de outros o que mais se ouve nos corredores da maioria das universidades durante os intervalos, após as aulas ou até mesmo em “dias culturais”, são os chamados “sertanejos universitários”.

O sertanejo universitário traz poucas lembranças do sertanejo da década de 70, as músicas ganharam mais velocidade, são mescladas ao som de guitarras estridentes e acompanhadas de percussões, versões aceleradas e modernas dos clássicos caipiras que marcaram o tempo nas vozes de Tonico e Tinoco, Tião Carreiro e Pardinho, Zico e Zeca, Milionário e José Rico, entre outros. “O sertanejo universitário além de ser animado, não é melancólico como o sertanejo raiz. É uma música mais dançante”, diz a acadêmica de Enfermagem do Centro Universitário de Campo Grande (UNAES), Jéssika Karina Vidal, de 20 anos.

As duplas João Bosco e Vinícius, de Campo Grande, e César Menotti e Fabiano, de Belo Horizonte, foram os principais nomes desse novo gênero que há pouco tempo conquistou espaço entre os universitários tocando e cantando em bares frequentados por



**Evento** - Dupla sertaneja se apresenta em bloco da Universidade Católica Dom Bosco

esse público. Para ambos, o despontar de uma carreira de sucesso começou quando conseguiram agendar shows nas próprias universidades e a partir daí, o público cativado pela modernização do estilo, passou a adotar outras duplas, como Maria Cecília e Rodolfo, Victor e Léo, Jorge e Mateus, etc. “O sertanejo é a música que mais fala do amor, da vida, de tudo que você passa. Não é só batuque, tem letra, tem melodia, fala com você e você fala através dela”, diz o acadêmico de Administração da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Jarmirio Serpa França, de 20 anos.

Se para algumas pessoas, o sertanejo é uma modernização do estilo, para outras o que era tradicional perdeu em qualidade, mas o “aspecto dançante” faz com que o sucesso seja instantâneo. “Não queiramos comparar o sertanejo de raiz com qualidade, que é o caso de

Almir Sater ou Renato Teixeira, com esse sertanejo que é produzido hoje em dia e que rima amor com dor e faz sucesso”, opina a acadêmica de Letras da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), Thadyanara Martinelli, de 18 anos.

O entusiasmo dado à tradicional música sertaneja chegou com força total às universidades e os acadêmicos saltaram para a nova onda: dançar coladinhos ao ritmo descontraído, vibrante e apaixonado do sertanejo universitário. “O gosto é independente, as pessoas têm que respeitar seu estilo, sua preferência”, diz ainda a acadêmica Jéssika Karina Vidal. A nova interpretação influenciou, inclusive, o estilo de muitos deles: calça justa, camisa pólo, fivela country, botas e até chapéu para os mais tradicionais fazem parte do figurino que trouxe o campo ao campus.

## EXPEDIENTE



**Em Foco** – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano VIII - nº 124 – Outubro de 2009 - Tiragem 3.000

**Obs.:** As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

**Chanceler:** Pa. Lauro Takaki Shinohara

**Reitor:** Pa. José Marinoni

**Pró-reitoria de Ensino e Desenvolvimento:** Conceição Aparecida Butera

**Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação:** Hemerson Pistori

**Pró-reitoria Extensão e Assuntos Comunitários:** Luciane Pinho de

**Almeida**

**Pró-reitoria de Pastoral:** Pe. Pedro Pereira Borges

**Pró-reitoria de Administração:** Ir. Raffaele Lochi.

**Coordenador do curso de Jornalismo:** Jacir Alfonso Zanatta

**Jornalistas responsáveis:** Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158 e Inara Silva DRT-MS 83

**Revisão:** Cristina Ramos e Inara Silva.

**Edição:** Cristina Ramos, Inara Silva, Jacir Zanatta e Oswaldo Ribeiro

**Professor Comunicação Rural:** Oswaldo Ribeiro

**Repórteres:** Aline Flores, Bruna Lucianer, Cláudia Basso, Ederson Almeida, Edilene Borges,

Eliane dos Santos, Elverson Cardozo, Ervilário Júnior, Evelllyn Abelha, Evillyn Regis, Fernanda Mara, Helton Verão, Jéssica Keli Santos Martins, Jéssica Nishihira, José Luiz Alves, Juliana Gonçalves, Kleber Gutierrez, Laís Camargo, Naiane Mesquita, Natalie Malulei, Pedro Martinez, Renan Gonzaga, Rogério Valdez, Tatiana Gimenes e Thiago Dal Moro.

**Projeto Gráfico, diagramação e tratamento de imagens:**  
Designer - Maria Helena Benites

**Impressão:** Jornal A Crítica

**Em Foco** - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS.  
Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel:(067) 3312-3735

**EmFoco On-line:** www.emfoco.com.br

**E-mail:** pauta@ucdb.br emfoco.online@yahoo.com.br





De volta - Com R\$ 4 mil o produtor que aposta no reflorestamento planta cerca de 1,6 mil árvores por hectare e tem o retorno por mês do que um bezerro rende ao ano

## Tendência

Aos poucos produtores de Mato Grosso do Sul descobrem que é possível investir suas terras na produção de árvores

# Vantagens da Plantação de Florestas

**Laís Camargo**  
**Natalie Malulei**

Ao contrário do que estamos acostumados a ver, nem toda propriedade rural limita a sua produção a animais. Há algum tempo, a idéia de que plantar árvores pode dar um retorno favorável ao produtor vem se espalhando.

A barreira encontrada na implantação de áreas de reflorestamento é a falta de informação. Contudo, a visão do produtor está se modificando. “Existe dificuldade em mudar a exploração econômica do Estado, o pecuarista fica com o pé atrás, porque ele cria gado, de repente vai plantar árvores? É algo que se está aprendendo e eu vejo a aceitação”, analisa o engenheiro agrônomo Abrahão Malulei Neto, proprietário de empresa de reflorestamento.

Hoje as propriedades rurais estão se diversificando. Primeiramente devido à necessidade de adaptarem-se à medida provisória implementada em 2001. Na lei federal nº 4771, artigo 16 nºIV, fica claro que as propriedades rurais têm que possuir uma reserva legal de 20%, com-

posta de plantas nativas, caso contrário uma multa será aplicada. “Se seguirmos o código florestal ao pé da letra, várias atividades serão inviáveis, o país todo está ilegal. Existe um movimento, inclusive com o apoio do ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, para segmentar a lei por Estado. Santa Catarina fez isso, mas o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc já disse que ela não tem valor algum”, argumenta o engenheiro agrônomo Ulisses Lucas Camargo. Uma estratégia para o produtor adequar-se à lei, é fazer a recomposição florestal com espécies nativas, como embaúba, aroeira e guanandi.

### Efeito prático

Uma opção que o produtor tem é associar as três atividades – a pecuária, a agricultura e o reflorestamento, conhecido como sistema agrossilvipastoril, a unificação do plantio de espécies usadas no reflorestamento com o manejo do gado e pastagem. “É aplicável principalmente porque 80% das pastagens do Estado estão degradadas, então che-

ga a um ponto que é necessário reformar a pastagem, dessa forma age o sistema agrossilvipastoril, que é a exploração dos três dentro de um hectare”, comenta Abrahão. Os resultados são o maior rendimento da produção de carne e lucro com a retirada posterior da madeira.

“Aumenta a produtividade de carne porque o animal tem sombra, isso melhora o conforto térmico. Em uma mesma área você tem a pecuária e a silvicultura. Além disso, tem o benefício ambiental porque as árvores amortecem o impacto das gotas de chuva, isso reduz o risco de erosão”, explica Ulisses. Quanto ao lucro advindo da madeira, é um processo a longo prazo, com um investimento inicial alto, porém com custo de manutenção baixo.

Enquanto o gado necessita de cuidados constantes, com recomposição do pasto, vacinas e suplementos alimentares, as espécies de árvores usadas no reflorestamento – como eucalipto, acácia e mogno australiano – também precisam de cuidados, mas em menor continuidade. “Em um ciclo de 16 anos, o rendi-

mento chega a até R\$ 800 mensais por hectare. É mais que um bezerro rende por ano. O gasto inicial da floresta é bem alto, mas a manutenção é mais barata. Se gasta em torno de quatro mil reais para plantar um hectare de floresta, são 1.666 árvores a cada 10 mil metros quadrados”, explica Abrahão.

As vantagens desse novo sistema implantado já se mostram perceptíveis, uma delas é que o produtor não se torna dependente de uma cultura ou de uma atividade específica, não se limitando a um mercado só. “Muita gente já está implantando esse novo sistema, bem devagar, mas já estão implantando. Isso acontece porque os produtores no geral são bem desconfiados. Até porque muitos deles não vivem somente da produção rural, nesse contexto eles têm outros problemas, não conseguem ver esse benefício e acaba ficando em uma cultura só”, afirma o empresário Moacir Reis, proprietário do Grupo Mutum.



*Sucedendo os pais, muitas mulheres chegam à administração de fazendas e conseguem sucesso no trabalho*

# Toque feminino na administração rural

**Evellyn Abelha**

Durante muitos séculos, salvo raras exceções, as mulheres do campo eram praticamente invisíveis. Não possuíam direito algum por seus trabalhos no meio rural e ainda eram alvo de preconceito. Hoje, com a valorização do trabalho feminino em todas as áreas, aliada à tecnologia e informação, elas passaram de mulheres do campo a mulheres do agronegócio.

“Herdei de meu pai uma fazenda que administro. Trabalhamos com pecuária de leite e corte”. Como a maioria das mulheres, Anna Lucia Coelho Paiva, de 47 anos, analista de sistemas, chegou ao agronegócio por fazer parte de uma família que trabalha no campo. Assim assumiu a propriedade rural e foi presidente do Grupo de Troca de Experiência (GTE) durante 2006 e 2007. Este grupo partiu da iniciativa do Sindicato Rural de Campo Grande, na gestão de Helio Martins Coelho, a fim de unir produtores rurais, para que eles pudessem trocar experiências e se ajudarem mutuamente. Dentre os 10 grupos formados o GTE-3 foi criado com mulheres e um homem que se candidatou. “Trocamos muitas experiências, o GTE foi muito proveitoso

apesar de agora não estarmos em atividade permanente”, diz Anna Lucia.

Por meio de sucessões é que muitas mulheres chegam à administração rural. Diante destas circunstâncias surgem inúmeros desafios. “Creio que a mulher por ser mais medrosa que o homem e por consequência ter mais cuidado, procura mais ajuda”, diz Maria Lizete Barreto de Menezes Brito, de 62 anos. Ela acredita que estes fatores são decisivos na boa administração rural que muitas mulheres vêm praticando.

Em 38 anos dedicados às atividades do campo, a engenheira agrônoma e silvicultora ainda não conheceu uma mulher que não tenha sido bem sucedida no agronegócio. Atualmente Maria Lizete é a única mulher na presente diretoria da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (Famasul), ocupando o cargo de primeira tesoureira pela segunda vez consecutiva. “Existem homens muito competentes no agronegócio, mas ao enfrentarem um desafio as mulheres são corajosas, vão atrás de gente para trabalhar, são mais humildes, não têm vergonha de perguntar e pedem ajuda mesmo”.

Outro aspecto da presença feminina no campo está ligado ao preconceito e desigualdades perante o sexo masculino. “Antigamente as mulheres não eram pagas por seus serviços em fazenda, era só o homem que recebia. Agora temos muitos direitos iguais ao dos homens”, conta Maria Lizete. Com relação ao pre-



Foto: Arquivo Famasul

**Competência** - A engenheira agrônoma e silvicultora Maria Lizete Barreto de Brito

conceito ela revela que já sofreu muito, mas conta de sua profissão. Na época em que se formou os trabalhadores e proprietários rurais tinham dificuldade em aceitar recomendações técnicas dos engenheiros agrônomos. Ela acredita que hoje o preconceito está mais ameno diante das conquistas femininas.

Para Anna Lucia, o preconceito surgiu pela mudança de administração da fazenda, quando assumiu o trabalho. “Qualquer mudança de comando em uma propriedade rural passa por resistências até que o novo comandante mostre que sabe administrar e tenha liderança com seus empregados”, finaliza Anna.

Foto: Arquivo Famasul



**Única** - Maria Lizete ocupa o cargo de primeira tesoureira na diretoria da Famasul





Elas dão duro na lida, mas 80% não têm carteira assinada

# MULHERES que nutrem o campo

Jéssica Keli Santos Martins

Atualmente as mulheres urbanas têm tomado frente de muitas situações que antes eram feitas somente por homens, como num trabalho braçal ou até mesmo serem a “chefe da família”, comprovando assim que as mulheres tornaram-se mais independentes e fortes. Porém, no campo essa realidade não é a mesma, pois o trabalho da mulher ainda é visto como algo limitado. O trabalho entre homens e mulheres mesmo que iguais, não tem o mesmo reconhecimento, e muitas vezes o trabalho delas no meio rural é visto como uma extensão dos afazeres domésticos, não como uma produção.

As mulheres que trabalham no campo muitas vezes só são contratadas para

acompanhar seus maridos que irão trabalhar na fazenda, como é o caso da Sueli Alves, de 33 anos, casada com Antônio Marcos, “peão” da fazenda Mônica Cristina em Ribas do Rio Pardo. “Meu trabalho aqui na fazenda é de cozinheira para os peões, sirvo café à 05h30min, almoço as 11h30min e janta as 19h30min, mas mesmo assim ajudo na plantação, na colheita e até carrego sacos das sementes, rações dos gados”, conta Sueli.

Sueli recebe um salário mínimo mensal e tem sua carteira assinada, ao contrário de sua cunhada Carmem Rodrigues, de 29 anos, também trabalhadora rural que se encaixa numa estatística de trabalhadores que não tem a carteira de trabalho assinada. “Aqui só os homens têm a carteira assinada, para o patrão estou somente como



Foto: Jéssica Keli Martins

**Trabalhadoras** - Na cozinha ou na roça, elas se dedicam ao batente rural

acompanhante do meu marido”, revela. Pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, aponta que 80% das mulheres trabalham no campo sem remuneração.

Entretanto, Sueli e Carmem não reclamam do tratamento que elas têm na fazenda e quando pergunto se querem morar na cidade, como toda mãe preocupada com o futuro do filho, Carmem comenta: “gosto da vida aqui no campo, só iria para a cidade para os estudos do meu filho, mas ele ainda é muito novinho para estudar”.

Mãos calejadas, rosto marcado pelo tempo e pela dureza do trabalho de sol a sol, Manuelina Rodrigues, de 56 anos, diferente de Sueli e Carmem, conta que trabalhou desde seus sete anos de idade no campo, e que fazia de tudo: plantava, colhia, alimentava os animais, roçava e até

se aventurava em organizar o gado. Ela diz que não teve estudo devido às dificuldades de transporte, por isso seu dever era ajudar seu pai nas atividades rurais. Mesmo sendo sofrida, Manuelina não reclama da vida que teve. “A pobreza na cidade é pior do que a do campo, aqui a gente planta, colhe, não passamos fome; ao contrário da cidade que tudo depende do dinheiro”, e ainda acrescenta “prefiro morar no campo, a vida é mais saudável, muito mais gostosa”.

Uma vida no campo não é tarefa fácil, principalmente para as mulheres que esquecem da sua delicadeza e vaidade para trabalhar como homens. Essas trabalhadoras vivem sem luxo, sem qualquer regalia, mas vivem felizes, cuidando de suas famílias e cultivando muito amor.



Foto: Jéssica Keli Martins

**Mudança** - Espaços antes destinados aos homens agora recebem as mãos femininas

## Um Crescimento Objetivo



Daniel Teixeira e Tatiane Cardoso

As cooperativas contribuem em 6% no aumento do total das riquezas geradas no Brasil e 38% no total do PIB agropecuário

**OCB**  
Organização das  
Cooperativas Brasileiras



Principalmente nos grandes centros a população se tornou basicamente industrializada, mas os conservantes maquiavam o verdadeiro sabor dos alimentos que na verdade saem da matéria prima produzida no campo. Os ingredientes de um bolo, por exemplo, vêm prontos para usar, basta abrir a tampa da margarina, cortar a caixinha do leite e adicionar o chocolate em pó.

O ovo é o único que ainda nos remete ao campo, mesmo vindo embalado em bandejas, por que até mesmo o trigo é totalmente processado. Essas facilidades fizeram com que os produtos do campo não cheguem diretamente à mesa do consumidor final, mas sim passem antes por um processo de inspeção ou mesmo industrialização.

Mas há quem ainda goste de saborear um leite caipira recebido na porta de casa por pequenos produtores. Como é o caso da dona de casa Maria de Lurdes Silveira, de 48 anos, que duas vezes por semana compra o leite de “saquinho” que um produtor associado a uma cooperativa de leite passa vendendo de porta em porta. “Não tem como não gostar, o sabor é bem parecido com aquele tirado no mangueiro, esse aqui é mais gostoso e é pasteurizado do mesmo jeito”, afirma.

No entanto, ela desconhece todas as etapas para este leite chegar até sua mesa embalado em sacos plásticos com a marca da Associação de Vendedores e Produtores de Leite Caipira (AVPLC). A cooperativa abrange produtores da bacia leiteira de Mato Grosso do Sul, formada pelos municípios de Campo Grande, Jaraguari, Terenos, Rochedo e Sidrolândia, que há quatro anos resolveram abrir um indústria de análise, pasteurização e ensacamento do leite produzido em suas propriedades rurais.



## Cooperativa

*Produto embalado em sacos resgata o gosto pelo leite caipira*

# Sabor verdadeiro do leite

Gaspar Martins Barbosa, de 39 anos, há 13, vende leite de porta em porta, uma herança dos seus bisavós que em 1942, ainda vendiam leite tirado na hora em frente ao comprador. “O leite só passou a ser ensacado e passar pela pasteurização depois da normativa 51, que prezava pela qualidade do leite. Você não vai achar nada falando que é proibido vender o leite de caneca, mas vender nas condições que vendemos hoje é um benefício”, ressalta.

A associação conta hoje com 50 sócios que patentearam a marca e aproximadamente 60 parceiros produtores, que vendem seu leite para os sócios que não produzem o suficiente para suprir a demanda de compra de seus clientes. Gaspar explica que no começo eram 120

sócios, que ajudaram a montar a indústria provisória no bairro São Conrado em Campo Grande, mas que o preço pelo processo de recolhimento com caminhão refrigerado nas propriedades da bacia leiteira, a pasteurização, ensacamento, análise de qualidade que é o primeiro passo a ser realizado acabou encarecendo o custo final o que desagradou muitos produtores que saíram da associação.

## Entressafra

Gaspar ressalta que entre os meses de maio a setembro diminui a produção de leite das vacas por conta do período de estiagem. Neste momento entra a lei da oferta e procura, a escassez de leite faz os preços subirem e o inverso acontece nos meses entre outubro e abril.

E o preço afeta principalmente o comércio é o que diz Julio Viera, de 61 anos, também proprietário de um mercado de pequeno porte. “É difícil né, o cliente acha que a gente que aumenta o preço, e não entende que ele já vem mais caro do produtor, porque o custo de produção nesta época do ano sempre fica mais caro”, afirma.

Outro problema enfrentado pelos vendedores de leite de porta em porta era a desconfiança gerada na população quanto a qualidade do leite. “Antes eu era discriminado pelos meus alunos, porque eu já fui professor de História, por vender leite de saquinho, como se eu vendesse algo ilegal, quando passou a ser industrializado nós começamos a ter dignidade”, conclui Gaspar.



**Quentinho ou gelado.  
Com café ou com achocolatado.  
Puro ou vitaminado.  
Não importa como, o importante é  
beber **LEITE** e viver mais saudável.**



Famílias que trocaram o campo pela cidade fazem o exôdo ao contrário em busca da tranquilidade do meio rural

# De volta ao campo e com tecnologia na mala

Aline Flores  
Ervilário Júnior  
Jéssica Nishihira

Os números não negam. A porcentagem de pessoas que habita a cidade ultrapassou a do campo. Cerca de 85% dos brasileiros optaram pela vida na cidade, seja por melhores condições empregatícias ou pela preferência da vida urbana, ainda assim existem os que optaram pela vida no campo, seguindo os padrões tradicionais de acordar às 5 horas da manhã para ordenhar a vaca, ou fazendo pesquisas na internet para melhorar o rendimento da produção. É certo que o meio rural está tão integrado com o urbano que parece bobagem querer diferenciar um do outro.

Uma boa demonstração de encanto pela vida rural é de Hatsuo Shimabuku, de 82 anos, que foi para a cidade em busca de melhores condições de educação para os filhos, mas após cumprir a missão de educá-los, retornou a sua preferível vida no campo levando consigo a esposa, “No começo não queria muito voltar, mas hoje já me acostumei com a tranquilidade daqui” afirma Mitsiko Shimabuku, ressaltando a serenidade do



Foto: Arquivo

Lar - Casal Shimabuku voltou para a paz do campo

meio rural. O casal escolheu a simplicidade de poder tomar café observando o voo das araras no amanhecer, tudo com muita calma, regar o viveiro, fazer peças em madeira em sua marcenaria caseira. “Cada dia tem um pouco de serviço, eu nunca fico parado”,



Foto: Arquivo

Ligados - Família Soares vê televisão na sala da fazenda

contou Hatsuo. Errado é pensar que esse estilo de vida é ligado ao isolamento, aos domingos a família Shimabuku se reúne em um grande almoço, e uma vez por ano a festa toma proporções maiores, no dia 12 de outubro o casal oferece uma missa seguida de uma confraternização em comemoração ao dia de Nossa Senhora Aparecida.

Em contraponto, a família Soares Romero resolveu trazer todo o confor-

to e tecnologia da cidade para casa na fazenda, assim não precisaram abrir mão da tranquilidade que o campo proporciona. “Temos sossego, tranquilidade e conforto, menos stress e melhor qualidade de vida”, afirma Etnan Romero Fernandes que esboça as vantagens em morar na fazenda.

Hoje o campo já está conectado à rede, não faltam opções tecnológicas para unir meio rural e urbano, e de maneira acessível como a internet via rádio, que se torna de grande utilidade na produção, aliando conhecimento empírico e tecnológico. “Quando a gente não sabe alguma coisa é só procurar na internet, ela contribui na pesquisa”, diz o pecuarista Osvaldo Soares Fernandes. A adolescente Etnara Romero Fernandes, de 16 anos, concorda com os pais. “No começo não gostava muito, mas agora já me acostumei e acho bem melhor que morar na cidade, meus amigos vêm me visitar e sempre posso falar com eles pelo MSN”.

As diferenças entre as famílias são notáveis, e as semelhanças também. Do gosto pela calma, a sonoridade e belas imagens registradas pelos olhos de quem mora em um lugar onde o ritmo funciona diferente das sirenes ligadas, carros passando e pressa de chegar. As semelhanças se destacam ainda em meio as diferenças, enquanto todos os dias Hatsuo escreve no diário sua rotina, Etnara conversa sobre seu dia com as amigas pelo MSN.

**CUIDADO!**

**ELA NÃO AGÜENTA A PRESSÃO**  
Meio Ambiente. Faça sua parte... **HOJE!**

publicidade & propaganda UCDB

comunicação



# O boi no prato de Ex-vegetarianos

**Naiane Mesquita**

Ex-vegetarianos e favoráveis às causas ambientais estão fomentando a criação de boi orgânico no mercado brasileiro e entre os fazendeiros de Mato Grosso do Sul. A nova produção está inserida na maior parte do Estado, principalmente na região do Pantanal e em cidades como Aquidauana, Miranda, Corumbá e Rio Negro.

Com uma ideologia baseada no uso limitado de medicamentos, no desenvolvimento social do meio rural e na diminuição dos impactos ambientais o boi orgânico cresce em um período de difusão do agronegócio orgânico brasileiro e na sua aceitação positiva no mercado internacional.

“O diferencial é que ele preza por um alimento seguro, sem o uso de produtos químicos, nem a base de uréia. Existe também uma grande preocupação ambiental e social, há uma responsabilidade social”, afirma o médico veterinário e consultor da Associação Brasileira de Pecuária Orgânica (ABPO),



Foto: Fotos divulgação ABPO

**Ideologia** - O jeito orgânico de criar o gado, sem alimentação tóxica e com abate sem tortura atrai ambientalistas e investidores

Marcelo Rondon de Barros.

Com cerca de 18 fazendas criadoras em MS, o boi orgânico tem o apoio de Organizações não-governamentais ambientalistas, como o WWF-Brasil, pela sua preocupação com a preservação ambiental, principalmente na região do Pantanal. Segundo a ABPO, as fazendas devem respeitar a legislação ambiental do código florestal brasileiro, que prevê áreas de reserva legal e de preservação permanente intacta, além da proibição do uso de agrotóxicos e proteção e conservação dos recursos hídricos.

Fortalecer a cultura pantaneira, manter as famílias no Pantanal e garantir a elas acesso a melhores condições de saúde, trabalho e educação, também fazem parte da ide-

ologia orgânica, que busca além da preservação ambiental o desenvolvimento social das regiões criadoras.

“Esta é, justamente a filosofia da produção orgânica, tanto de carnes quanto de produtos de origem vegetal. Esta filosofia garante ao consumidor que aquele produto foi produzido em determinadas condições, as quais reduzem os impactos negativos ao ambiente, aumentam a qualidade de vida dos empregados, evitam maus tratos aos animais, etc”, argumenta o pesquisador da Embrapa Pantanal, André Steffens Moraes.

No entanto, os cuidados com o animal não se restringem apenas a sua alimentação e saúde, o abate também é diferenciado com ações tranquilizantes e através do mé-

todo de êmbolo de ar certo, próximo à testa. O diferencial da criação proporcionou a alguns vegetarianos contrários ao tratamento tradicional desferido aos bois a possibilidade de através do boi orgânico voltar a comer a carne vermelha.

Apesar de algumas pesquisas e criações já existirem há cerca de dez anos, somente nos últimos três o mercado brasileiro começou a se organizar. Para controlar e fiscalizar as ações dos fazendeiros foi criada uma auditoria pelo Instituto Biodinâmico (IBD), onde visitas regulares observam as condições de trabalho, preservação ao ambiente e cuidados com o animal. As fazendas aprovadas recebem o selo do Instituto de Certificação Biodinâmico, referência em todo o mundo.

## Eis a questão: cultivar ou não a soja?

**Pedro Martinez**

A soja no Brasil é, para economia, grande proporcionadora de lucros desde sua implementação de sucesso no Brasil, em 1882, quando Gustavo Dutra, então professor da Escola de Agronomia da Bahia, realizou estudos de cultivo desse grão em nossas terras. E a importância desse grão, analisando-se a história, é gigantesca se formos pensar no crescimento que ela trouxe para o nosso país, como conta o acadêmico de História Felipe Frade Serafim.

“O desenvolvimento das tec-

nologias da soja no Brasil Moderno é tão grande que pode ser comparada ao crescimento ocorrido com a cana-de-açúcar, na época em que ainda éramos Colônia, e ao do café na época do Império passando para República, onde a maior parte das exportações era desses produtos para o Exterior. Além do mais, foi por causa da soja que o Brasil Central começou a ser povoado, abrindo fronteiras, fazendo surgir cidades nos Cerrados, que até então eram desvalorizados e eram somente pequenos povoados longe de serem grandes metrópoles”.

No resto do Brasil, sabe-se que a soja dá bastante lucro, não importa a época do ano. No Rio Grande do Sul, por exemplo, mesmo com o período de seca, a soja cresceu 1,8%. Mas aqui no Estado, nos últi-

mos anos, as quedas foram quase alarmantes, causando uma dúvida: será que ainda vale a pena investir nela mesmo com tantas quedas?

Foi isso que passou na cabeça de Adilson Magalhães, capataz e peão da fazenda Gado Forte quando viu nos jornais sobre as bruscas quedas. “Tivemos um período muito grande sem cair nenhum pingo de água nesses últimos anos, aí o patrão me mostrou a matéria nos jornais falando das quedas e fiquei preocupado em estar perdendo tempo. Até cheguei a questionar se não era melhor a gente cultivar outra coisa, foi difícil”, relembra.

No começo deste ano os ares começaram a mudar. Nas fazendas onde são cultivados outros grãos como arroz, feijão e

milho, a safra de soja foi igual ou maior do que as dos outros. Isso é um grande indicador de que vale a pena investir nesse cultivo, que mesmo quando passa por dificuldade extremas, consegue dar a volta por cima. É um cultivo que exige paciência para valer a pena. “É um cultivo às vezes muito instável, principalmente quando os períodos de estiagem são extensos, como aqui no Estado. Mas é interessante não desistir. A produção de soja sempre acaba sendo bem maior que os outros grãos, e isso não muda, pelo menos não aqui na Gado Forte. E crise? Que nada! Aqui no Estado essa passou mas foi só uma marolinha”, riu Antônio Alves Gaskan Saad, proprietário da Gado Forte.



## Iniciativa

Governos têm R\$ 4,6 milhões, mas pedem ajuda

# Operação tenta salvar o Rio Taquari

**Rogério Valdez**

Produzir sem causar danos. Tirar riqueza da terra causando o menor impacto ambiental possível. Seguindo esta concepção é que o produtor rural deve manter o seu negócio, e para isso conta com o apoio de iniciativas que são exemplo em preservação. O Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (Imasul) lança mão de três projetos que visam recuperar o rio Taquari que sofre com o assoreamento. Os projetos recebem incentivo financeiro de mais de R\$ 4,6 milhões dos governos federal e estadual e para serem mantidos precisam do apoio dos produtores que têm propriedades no curso do Taquari.

De acordo com Lorivaldo Antônio de Paula, gerente técnico de Desenvolvimento e Modernização do Imasul, as iniciativas do instituto preveem a recuperação de áreas degradadas, elaboração de um plano de gestão de resíduos sólidos e revitalização e construção de viveiros de mudas para serem plantadas próximas às margens do rio. “Os projetos serão implantados nas áreas mais críticas de assoreamento do rio e depois de feito, contamos com a participação das prefeituras e dos produtores rurais, que têm propriedades nas áreas do rio, para que completem e continuem a ação. Eles receberão condições para fazer a iniciativa ser multiplicada”, explica Lorivaldo sobre todo o apoio técnico que os produtores terão do instituto para manter as ações que serão desenvolvidas e aprimorá-las.

“Os projetos que serão implantados servirão como um incentivo para que esses produtores continuem as ações de preservação, porque ter o rio dentro de suas propriedades também é importante

para eles, mas mais ainda para o meio ambiente e todo o ecossistema que existe ali”, salienta.

Entre as propostas que serão efetivadas para a recuperação do Taquari, a mais audaciosa, e que recebe a maior parte do incentivo financeiro – aproximadamente 4 milhões – é o projeto de Recuperação de Áreas Degradadas em Microbacias. “Este projeto visa recuperar o rio Taquari através de sete microbacias, ou seja, em sete municípios pelos quais o rio passa. A proposta é a construção de curvas de

nível e adequação das estradas”, enumera o gerente. O mesmo projeto propõe ainda a recuperação das áreas marginais ao curso do rio em cidades como São Gabriel do Oeste, Rio Verde, Coxim e Figueirão, entre outros municípios.

“Um segundo projeto que será implantado é a elaboração do Plano Integrado de Gestão de Resíduos Sólidos. Com isso serão construídos aterros sanitários e outros meios ecológicos de se gerir os resíduos, para que eles não acabem ficando no rio”, lembra Lorivaldo.

O terceiro projeto apontado pelo gerente é o de Viveiros de Mudas. A proposta é revitalizar um viveiro já existente em São Gabriel do Oeste e construir outros em Pedro Gomes, Coxim e Sonora. “O viveiro de mudas consiste numa central para a germinação das espécies para que depois elas sejam plantadas nas margens do rio Taquari. Esta é uma forma de contribuir para a diminuição do assoreamento”, observa.



**FEBRE AFTOSA**

A vacina é a melhor maneira de garantir saúde para o seu gado e para seus negócios.  
Vacine em dia o seu rebanho.

A vacinação regular do gado é de 6 em 6 meses a partir do 3º mês de idade ou quando o Médico Veterinário recomendar.

Apoio:



No centro-oeste metade da população rural recebeu energia por meio do projeto do governo federal “Luz no Campo”

# Energia elétrica traz progresso ao campo

**Cláudia Basso**

Trabalhar na roça sempre foi uma tarefa árdua. Além do trabalho pesado debaixo de sol a pino, da distância até a cidade mais próxima e em alguns casos, a falta de mão de obra, devido ao fato de muitos trabalhadores se mudarem para as cidades, o trabalhador rural era atingido pela falta de tecnologia.

Não são bem os maquinários agrícolas super modernos que fazem falta no campo e sim a falta total de energia elétrica, caso vivenciado por milhares de brasileiros que residem nas zonas rurais. Um requisito básico para dar a esses brasileiros uma vida melhor é o direito de possuírem luz em suas casas e foi pensando nisso que as redes distribuidoras de energia elétrica se juntaram ao programa “Luz no Campo”. Projeto que já chegou a mais de 50% dos moradores rurais no Centro-Oeste.

A eletrificação rural proporciona aos agropecuaristas e rurícolas uma condição social e econômica mais digna, proporcionando um maior desenvolvimento nesse setor em todo o país.

“Depois que veio a luz aqui tudo melhorou, até banho dá graça de to-

mar agora”, conta rindo o caseiro de uma fazenda do interior do Estado, João Francisco da Silva. “Agora nem ladrão entra, nem gado escapa mais, é tudo na base do choque aqui”, explica sorridente sobre os avanços que a cerca elétrica trouxe à fazenda do patrão.

Esse projeto ganhou força em 2002, com a aprovação de uma lei que reforça a universalização do fornecimento, dando a todo cidadão o direito de ter acesso a energia, como constata um projeto desenvolvido por responsáveis da Cepel e da Eletrobrás.

Para adquirir luz nas áreas onde o “Luz no Campo” ainda não supriu as demandas se faz necessário que o residente rural procure a empresa de distribuição responsável pelo seu Estado. Após o pedido de fornecimento da energia os responsáveis têm até dois meses para irem até esses locais fazer uma avaliação.

“Faz um ano meio que estou tentando puxar a luz para minha fazenda, mas o problema é que se exige que tenha uma residência e pelo menos um morador no local”, explica Valdir Antônio Cê, proprietário de uma fazenda a 16 quilômetros de São Gabriel do Oeste. “Eu apenas plantava nas minhas terras, não havia necessidade de ter alguém morando lá. Agora quero montar um chiqueirão de porco e vou ter que colocar alguém fixo, senão não consigo a luz”, ressalta o agropecuarista.



Foto: [www.gasodutocoarimanas.am.gov.br](http://www.gasodutocoarimanas.am.gov.br)

**Luz** - Para colocar postes, empresa de energia precisa de autorização dos fazendeiros

Além do morador fixo, a Enersul precisa da autorização de fazendeiros com sedes localizadas aos arredores do local de onde foi enviado o pedido de fornecimento, pois para que a energia seja ligada é necessário fazer instalações de postes de luz, que por muitas vezes pre-

cisam ser colocados no meio dessas fazendas, até chegarem ao seu destino.

“O bom é que aqui todos os fazendeiros são amigos e também todos precisam da luz, ninguém vai querer criar confusão e proibir a passada dos postes”, conclui Valdir.

## Parque Laucídio Coelho vai virar shopping rural

**Fernanda Mara**

O Parque de Exposições Laucídio Coelho, que tem uma área de 17 hectares localizado no Jardim América em Campo Grande, vai se tornar um shopping rural a céu aberto, um espaço no qual os produtores rurais possam encontrar tudo para sua fazenda, desde produtos para gados até sementes.

Este é um dos principais

projetos que está sendo viabilizado pelo novo Presidente da Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul (Acrissul), Francisco Maia, que foi eleito neste ano com mandato até 2011.

O parque de exposições existe há 78 anos, e está sendo estudado um melhor aproveitamento de sua estrutura. A ideia, segundo Francisco Maia, é fazer com que os produtores rurais tenham maior acesso aos produtos comercializados e a interação da classe. Maia afirma ainda que este shopping tenha corretores de imóveis e também uma praça

de alimentação com restaurante e bares.

O fazendeiro José Roberto Vieira, de 55 anos, está contente com o projeto. “O shopping ajudará na hora de escolher os produtos, como vai estar tudo num mesmo local é melhor para ver o que está mais em conta e de melhor qualidade, sem contar a comodidade, pois o parque é um ambiente muito amplo que merece um espaço como este”, afirma José Roberto.

A manutenção do parque de exposição está hoje em torno de R\$ 80 mil e este shopping ajudará no custeio dos gastos. Chico Maia, como é conhecido o novo presidente, diz que a intenção é promover quatro exposições por ano para garantir um melhor aproveitamento da área.

O estudante de Agronomia Felipe Souza, de 23 anos, também gostou da intenção de melhor aproveitamento do

Parque de Exposições. “Só vou lá quando tem eventos como a Expogrande”, afirmou o estudante, que acredita ainda que a partir da construção deste shopping, ele será um frequentador assíduo do parque, já que é ele que cuida da parte administrativa da fazenda de seu pai, localizada na saída para São Paulo.

Foto: Arquivo



**Ideia** - Parque além das exposições



A educação no campo tem sido tema de discussão há cerca de uma década no Brasil, onde especialistas no assunto vem debatendo questões sobre o meio rural. Os locais de estudo são desenvolvidos em escolas chamadas Escola Família Agrícola (EFA).

Em Campo Grande, jovens provin- dos de assentamentos rurais, desenvol- vem atividades na Escola Família Agrí- cola Rosalvo da Rocha Rodrigues. Cri- ada em 1996, esta EFA tem hoje parce- ria com a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), através do Programa de Educação e Diversidade (PED), possi- bilitando conhecimento a alunos de várias localidades do Estado.

O projeto efetiva-se no apoio cons- tante às atividades da EFA e os alunos saem habilitados como Técnico em Agropecuária, após completarem cur- so de quatro anos, que proporciona for- mação integral, concomitante ao Ensi- no Médio profissional.

Para a professora Angela Catonio, de 43 anos, coordenadora do PED, a educação do campo é uma forma de levar escolaridade ao povo do campo, com respeito à diversidade cultural, às características e às necessidades pró- prias do aluno no seu espaço, sem abrir mão da pluralidade como fonte de co- nhecimento em diversas áreas.

“Essa parceria propicia aproxima- ção da Universidade com o público do campo e a Universidade cumpre com o papel de disseminadora de conheci- mento”, destacou. Hoje o PED também está entre os membros do Fórum de Educação e do grupo de trabalho do Comitê de Educação no Campo.

Angela diz ainda que uma vez por mês são realizados grupos de estudo da Pedagogia da Alternância, o méto- do de ensino transmitido aos alunos, que passam 15 dias na escola e 15 dias em casa, desenvolvendo as atividades que lhe competem. A escola desenvolve oficinas com assuntos de interesse

## Educação

*Escolas Famílias Agrícolas formam filhos de trabalhadores rurais do Estado de MS*

# Jovens técnicos agropecuários



Foto: Arquivo

**Parceria** - Turma da EFA Rosalvo Rocha Rodrigues, que recebe o Programa de Educação e Diversidade (PED) da UCDB

da própria EFA, como avicultura, to- pografia, uso correto de medicamentos e ervas medicinais, visitas técnicas e trabalhos.

A escola possibilita também infor- mações diversas sobre agricultura, pe- cuária e outros temas referentes à vida no campo, contribuindo no conheci- mento de práticas no campo, através de profissionais da Agronomia, Zootecnia, Geografia, Farmácia, Letras, dentre outros cursos.

O acadêmico e egresso da EFA, Paulinho Santos da Silva, de 29 anos, conta que está envolvido com esses tra- balhos desde o início da faculdade, onde já trabalhava antes de cursar o

ensino superior. No 7º semestre de Agronomia, Paulinho faz estágio na EFA e diz que além da experiência tam- bém é um aprendizado, visto que já passou pela Escola como aluno, conhe- ce bem as necessidades encontradas, “além de financeiras, necessidades humanas”, completou.

Hoje ele questiona e debate os as- suntos na universidade, destacando a importância da integração: comunida- de, Escola Família e Universidade. “É muito bom pra mim, profissionalmen- te é um ganho fantástico. A parceria entre Escola Família e UCDB é muito significativa, a gente tem percebido os resultados”, ressaltou. Ele explica que atualmente há um Núcleo em Nova Al- vorada do Sul, interior do Estado, onde a EFA vem atendendo um público mai- or de filhos de assentados e também pequenos agricultores tradicionais, ou seja, o trabalho está sendo ampliado.

O aluno Itamar de Souza Silva, de 20 anos, também egresso da EFA, fala sobre os benefícios alcançados. “Foi a melhor experiência que eu tive na mi- nha vida, porque a minha família tem raízes camponesas”, contou. Ele diz que a escola prioriza os alunos da agri- cultura familiar trazendo aspectos im- portantes no que diz respeito à contri- buição para a educação do jovem do campo, contando ainda os ganhos para a profissão que exercem. “Fui convida- do hoje a fazer parte da Federação da Agricultura Familiar”, revelou sa-

tisfeito.

O trabalho desenvolvido com outra realidade social que é o segmento da educação rural é de extrema importância. Os alunos atendidos têm a oportuni- dade de envolver-se com diversas temáticas diferenciadas sobre a questão do campo, possibilitando desenvolvimento de conteúdos que depois serão por eles repa- sados aos seus familiares que se encontram morando nos assenta- mentos rurais de Mato Grosso do Sul.

### Pedagogia da Alternância

A Pedagogia da Alternância foi criada na França, em 1935. Nesse período, as famílias rurais enfren- tavam dois problemas: o ensino re- gular direcionado para as ativida- des urbanas e a falta de desenvol- vimento tecnológico no campo, fa- tores estes que levavam os adoles- centes camponeses a abandonarem a terra.

O método de ensino conhecido como Pedagogia da Alternância che- gou ao Brasil na década de 60 e está disseminado de Norte a Sul do País, com atividades de leitura, es- crita, matemática e tecnologia. Para aprender a conviver e se interagir com a realidade agrícola, os alunos aprendem a trabalhar com a terra, com as plantas e com os animais.

Mãos que colhem o progresso.

25 de Maio.  
Dia do Trabalhador Rural.



# Proprietários rurais unidos em MS

**Evillyn Regis**

Em todas as profissões há um órgão responsável que cuida dos direitos da classe trabalhadora, no meio rural, essa realidade não é diferente. O Sindicato Rural de Campo Grande, que foi fundado em 26 de junho de 1951, já participou de várias lutas; entre elas a organização da classe produtora na reivindicação de seus direitos na Constituinte de 1988. Hoje possui em seu quadro de filiados, em torno de 4 mil profissionais e ativos cerca de 600.

Em busca de um melhor desenvolvimento no agronegócio, além dos sindicatos rurais que todos os municípios possuem, há outros dois órgãos que também respondem às questões do meio rural. A Federação de Agricultura e Pecuária do Estado de Mato Grosso do Sul (Famasul) que congrega atualmente 69 sindicatos rurais e a Confederação Nacional de Agricultura que fica localizada em



Foto: Evillyn Regis

**Classe** - Dennis Afonso dirige o Sind. Rural de CG e reitera importância da participação

Brasília, onde reúne todas as federações do Brasil.

O processo de contribuição anual que o profissional deve pagar neste segmento do mercado de trabalho, é uma anuidade de R\$ 350,00, sendo que no momento que este queira se desligar do sindicato é preciso que se faça uma carta a punho e encaminhe ao sindicato rural financeiro, ocorrendo assim seu desligamento.

Segundo o diretor-secretário do Sin-

dicato Rural de Campo Grande, Denis Afonso Vilela, o motivo de profissionais ativos serem menos do que tem inscritos, deve ao fato de que muitos proprietários venderam suas propriedades e também passaram para os filhos tomarem conta de seus negócios. “O produtor rural é livre para participar do sindicato, não é obrigado a se filiar, mas é o sindicato que defende a classe produtora, se ele é pequeno, médio ou grande, é importan-

te que estes participem, pois é a através da união que iremos realizar um trabalho melhor”, relata Vilela.

O Sindicato Rural de Campo Grande detém o agronegócio do Estado, desde aves, agricultores, suinocultores, pecuária de leite, todo segmento é inserido no sindicato. Os associados recebem um jornal mensalmente sobre agropecuária do Estado.

A estrutura do sindicato é organizada, possui vários departamentos, como o jurídico, pessoal, dentário, meio ambiente, do leite, assessoria de imprensa entre outros. Além de oferecer à classe trabalhadora e a população em geral vários encontros de tecnologia, sendo que duas vezes por mês realiza palestra sobre assuntos relacionados ao meio rural.

Para o acadêmico de Agronomia, Jefferson Silva de Oliveira, o Sindicato Rural é de grande relevância para um maior conhecimento da área. “Auxilia muito nós estudantes, pois realizam com frequência simpósios, conferências, cursos entre outros mais, além de que é bom ter esses eventos, pois é uma forma da gente saber quais são os nossos direitos e deveres”, finaliza o estudante.

## Confederação Nacional dá voz a agropecuaristas

**José Luiz Alves**

A Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA – passou por eleições para sua presidência em 2009. Eleita, a senadora Kátia Abreu (DEM-TO) sempre deixou claro sua proposta de aproximar a entidade do agricultor. A tática vem funcionando e os agropecuaristas aprovam a função do órgão.

O agricultor Galeano Menezes, de 57 anos, tira seu sustento do agronegócio há pelo menos dois terços de sua vida e acredita que o setor tem poder para se solidificar como o mais forte em termos econômicos no Brasil. “O problema é que há trinta anos meu pai dizia pra mim que o nosso país tinha muito potencial. Hoje nós ainda temos potencial e não usu-

fruímos de tudo que podemos. A CNA é uma entidade que pode ajudar nisso, mas eu mesmo nunca tinha ouvido falar deles”, pondera Menezes.

Para a publicitária Márcia dos Santos Pereira, o meio rural possui características mais complicadas para que se divulgue um trabalho como o da CNA. “O agropecuarista tem uma mentalidade mais fechada para novas campanhas publicitárias de divulgação. Isso está mudando, mas ele ainda acompanha pouco os meios de comunicação de massa. O desafio é definir o veículo que mais se aproxime dele”, explica Márcia.

O pecuarista Simão Benitez Franco, de 62 anos, acredita que a Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil é um meio eficaz que o agropecuarista tem de ganhar voz. “Se analisarmos a função da CNA, ela só auxilia nossa classe. Podemos firmar parcerias com esta organização e todos



Foto: Valter Campanato - Agencia Brasil

**Eleita** - Kátia Abreu, presidente da CNA, quer aproximar entidade do agricultor

tem a ganhar, inclusive os consumidores dos produtos que vêm do setor rural”, ressalta Benitez.

De acordo com o site oficial da CNA,

os principais objetivos do órgão são congrega associações e lideranças rurais e participar permanentemente das discussões e decisões sobre a política agrícola.





Foto: Kleber Gutierrez

## Proximidade

Horticultores da Capital têm como clientes restaurantes, creches e famílias inteiras

# Cinturão verde de CG garante hortaliças frescas

**Kleber Gutierrez**

Após dezoito anos trabalhando para uma empresa de gás do Estado, Ataíde Leite dos Santos, de 62 anos, ingressou no ramo da agricultura vendendo adubo orgânico em troca de verduras que revendia para restaurantes da Capital. “Fui aprendendo as técnicas de plantio e quando tive oportunidade abri a minha horta”, comenta orgulhoso o produtor que emprega três pessoas em sua horta. “Hoje atendo 23 restaurantes do centro e muita gente vem comprar aqui.”

Na região do Jardim das Nações, onde

está situada a horta de um hectare de Ataíde, também existem outros produtores que investem na agricultura familiar. É o caso de Raimundo Gomes da Silva, que trabalha há 37 anos no cultivo de legumes, hortaliças e frutas e é também o presidente da Associação dos Comodatários e Pequenos Produtores do Cinturão Verde de Campo Grande (Provegram).

Em sua propriedade de seis hectares trabalham seis funcionários, sendo quatro deles filhos de Raimundo. “Nunca trabalhei com carteira assinada e criei os meus quatro filhos e também os netos”, afirma Silva e, também, sinaliza que “há dez anos,

os produtores estavam mais próximos do centro e com o desenvolvimento da cidade foram migrando para os bairros mais distantes formando assim um verdadeiro cinturão verde no entorno de Campo Grande.”

Outra região que também concentra algumas hortas fica entre o limite dos bairros Oliveira I e União, onde está localizada a propriedade de Benficia Pereira Lopes, de 50 anos, que em 1990 começou a trabalhar com hortaliças. “Nasci na agricultura”, destaca o produtor que hoje emprega doze funcionários registrados em carteira, sendo apenas um deles parente. O trabalho que

res vizinhos.

“A modernização da cidade já chegou e isso já tem um tempo. Mas eu preciso colocar comida em casa e foi esta a forma que encontrei”, afirma José.

Dona Maria Augusta Teixeira, de 66 anos, é uma das clientes de José. “Sempre que preciso de algum tempero ou verdura venho aqui, pois sei que vou encontrar”, afirma.

Já Luis Agripino Rocha de 67 anos, reside em uma região onde constantemente estão sendo erguidos prédios residenciais e novas residências, sem falar no alto fluxo de automóveis que passam pela avenida que circunda sua pequena propriedade. Mesmo estando neste meio se diz bastante tranquilo quanto a sua atividade. Agripino cria ovelhas e gado. “Moro aqui muito tempo antes de tudo isso ficar assim. Então hoje já estou acostumado com esta movimentação. Eu e meus bichos.” Lembra Agripino.

Seu Agripino assim como Andrade, alega que é de sua pequena propriedade que consegue um dinheiro extra para complementar sua aposentadoria e assim ajudar nas despesas de casa. “Aquela vaquinha ali, me dá cinco litros de leite todos

os dias”, contabiliza orgulhoso.

Muitas iniciativas para um melhor uso da terra que ainda não foi tomada por obras são vistos na Capital. Um exemplo é o pomar e canteiro comunitário localizado na região norte de Campo Grande, mais precisamente na saída para Cuiabá. Lá a iniciativa ousada de mulheres pode proporcionar uma melhor qualidade de vida para diversos moradores da região. Julieta Fernandes, de 51 anos, juntamente com outras moradoras da região se uniram e propuseram ao presidente de bairro a iniciativa. “Precisávamos ajudar nossos vizinhos e nós mesmos. Por isso propomos o uso deste terreno que se encontrava ocioso para o cultivo de frutas verduras e legumes”. lembra Julieta.

Lindalva Siqueira, de 45 anos, conta que a iniciativa foi vista com desconfiança por muitos, mas que hoje, cinco anos depois, literalmente já é possível colher os frutos. Julieta e companheiras distribuem todas as semanas o que é produzido na horta há moradores da região. Porém para que possam receber o alimento é preciso que estejam devidamente cadastrados junto à associação de moradores, para um melhor controle.

começa às quatro da manhã e vai até as 21 horas, torna-se gratificante. “Por se estar produzindo alimento para o nosso semelhante com carinho e cuidado”, completa Pereira.

## Vendas

Compradores para produtos que sejam frescos e em que se constata uma boa procedência sempre existem. “Muitas pessoas atravessam a cidade para comprar nosso produto”, destaca Pereira que colhe cerca de mil e quinhentos pés de verdura por dia.

Já Silva repassa, através de um convênio firmado com a prefeitura de Campo Grande, 30% de sua produção a creches e asilos, sendo os outros 50% vendidos a supermercados e 20% a comunidade.

Quem sai ganhando nesta história são os moradores próximos às propriedades rurais na área urbana, afinal possuem a opção de adquirir um produto mais barato e com qualidade.

“Venho à horta porque o produto é fresco, colhido na hora e moro perto”, afirma o funcionário público, Daniel Nascimento, de 45 anos, para quem as visitas ocorrem de três a quatro vezes por semana.

Já a dona-de-casa Kátia Feliciano, de 26 anos, recorre à horta próxima de sua casa, no Oliveira I, pelo menos duas vezes na semana e leva consigo a filha Kemily, de quatro anos de idade, a tiracolo. “Gosto muito de alface e tomate”, confessa a pequena com brilho nos olhos.

A produção, no entanto, não consegue suprir a demanda da Capital, sendo só 20% dos produtos comercializados de origem local e os outros 80% provenientes de outros Estados como São Paulo e Paraná.

## Dificuldades

A principal queixa entre os produtores está na alta taxa de impostos a serem recolhidos.

“Nós pagamos mais para o governo do que conseguimos juntar”, comenta Pereira. “Isso leva muitos produtores a parar de investir neste negócio.”

O clima é outro aspecto que preocupa, mas que é contornado pela sabedoria adquirida com o tempo. “Tem vezes que o tempo é bom para uma planta, tem vezes que é bom para outra e assim vai”, afirma Santos.

De qualquer forma, este ainda continua sendo um filão a ser explorado, mas como aponta Silva, “tem que ter dedicação.”

## Rural na cidade

**Ederson Almeida**

A cidade de Campo Grande, nos últimos anos vive um crescente estágio de evolução e modernização. Porém ainda é possível encontrar em meio a áreas urbanizadas, pequenas propriedades rurais, que são usadas por seus proprietários para a produção de hortaliças, criação de gado e até de ovelhas.

José Carlos Andradem, 59 anos, morador na região do bairro Cabreuva, cultiva em seu terreno uma horta onde se podem encontrar os mais diversos tipos de hortaliças e legumes que usa para consumo próprio e também vende para pequenos mercados da região, assim como para morado-



Espécie nativa é vista como investimento em potencial

# SILVICULTORES plantam GUANANDI

**Eliane dos Santos**

Com a expansão do setor florestal no país e a crescente demanda por madeira no mercado mundial, a silvicultura ganha espaço em Mato Grosso do Sul através de uma terceira espécie, o Guanandi (*Calophyllum brasiliense*). Segundo o proprietário de uma fazenda próxima ao município de Camapuã, a 140 km de Campo Grande, Eduarte Cândido de Lima, a fazenda possui uma reserva nativa da espécie Guanandi, conhecida também como jacareúba (Amazônia). “Fui criado nesta fazenda pelos meus pais e hoje reconheço a importância de se preservar a mata nativa”, diz.

O Guanandi é considerado madeira de lei no país e segundo especialista está em extinção, além de ser reconhecido mundialmente pela qualidade da madeira, nobre e imputrescível.

Na propriedade de Eduarte

Lima, a pequena floresta é mantida em área de reserva e se tornou ponto de visita para novos investidores. De acordo com Everton Regatieri, diretor comercial da Pothencia, empresa especializada em gestão ambiental, a existência da espécie nativa na área foi essencial para atrair os investimentos da empresa em 2007. “Depois de constatarmos a existência dessa espécie nativa na região, não tivemos dúvida do melhor local para a implantação do projeto Guanandi Wood”, afirma.

Hoje, o projeto é realizado através do sistema de condomínio florestal, criado pela própria empresa próximo ao município de Camapuã. Funciona como um arrendamento agrícola, dividido em lotes, onde o interessado vai “alugar” um ou mais desses lotes, e a respectiva empresa será a encarregada pela prestação de serviços em gestão ambiental para o reflorestamento comercial. “O projeto é pioneiro no país e utiliza tecnologia avançada para a manutenção e plantio das árvores, além de formar a maior área de plantio de nativas totalmente irrigadas do Brasil. Otimizados, já avançamos para a segunda edição do projeto, o



Foto: Eliane dos Santos

**Qualidade** - No Brasil, o guanandi é considerado madeira de lei e está em extinção

Guanandi Wood II, na área vizinha”, explica Everton.

Segundo o presidente da empresa responsável, Jarbas Leão, o empreendimento está atraindo novos investimentos como o projeto da construção de uma fábrica de processamento de madeira nobre, visando a produção de painéis, laminados, pisos, além da extração de

tanino e óleo essencial. “O objetivo é que todo o produto extraído dos condomínios florestais possa ser comercializado com o máximo de valor agregado”, afirma. “O arrendatário também terá direito às receitas dos produtos gerados durante o cultivo como sementes ou qualquer outra fonte de recursos que o plantio possa dar”, finaliza.

## Governo Federal compra milho para agilizar mercado

**Bruna Lucianer**

O Governo Federal colocou à disposição da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) R\$ 9 milhões para a aquisição de milho por meio de Aquisição do Governo Federal (AGF) no mês de março. A Conab comprou o produto pelo preço mínimo garantido pelo Governo, que é de R\$ 16,50 a saca de 60 quilos.

Trata-se de uma ação do governo através da Conab para garantir a comercialização da produção, visto que a oferta de valor praticada pelos compradores está abaixo do preço mínimo.

Para se beneficiar, o produtor teve que depositar o milho limpo, seco e classificado em armazéns credenciados pela Conab.

Feito isso, procurou o Setor de Comercialização (Secom) da Superintendência da Companhia para concretizar a venda. O limite máximo é de 198 toneladas por produtor.

Segundo o gerente operacional da Conab, engenheiro agrícola Nilson Azevedo Marques, a AGF é “um mecanismo importante para os produtores, já que o Governo está mostrando, efetivamente, que tem condições de fazer valer a política de garantia do preço mínimo”. Nilson também ressaltou que o produtor será indenizado quanto aos gastos referentes à classificação e impostos possivelmente recolhidos sobre o milho armazenado.

Renato Burgel, produtor rural da cidade de Chapadão do Sul, é um dos agricultores que comercializa seu produto junto à Conab. “A AGF é imprescindível para a manutenção dos pre-

ços no mercado interno. Se não fosse praticada, os preços possivelmente não chegariam a pagar os custos da produção”, explica.

O superintendente da Conab em Mato Grosso do Sul, Sérgio Rios, sintetiza a ação e sua importância para o

produtor. “A disponibilização dos recursos para a comercialização no momento em que o produtor mais necessita é o resultado de mais uma ação do Governo Federal, ao tempo em que propicia a recomposição do estoque regulador do país”.

Foto: Elza Fiúza - Agência Brasil



**Conab** - Ação do Governo Federal garante a comercialização da produção de milho



*Os corretores rurais levam tempo para conquistar os clientes, mas depois conseguem a segurança para negociar*

# Profissionais compram e vendem no meio rural

**Thiago Dal Moro**

Em plena crise mundial e numa época ruim de negócios para o comércio de um modo geral, o corretor de gado e soja ganha espaço no mercado rural. O corretor rural, como é chamado, muitas vezes faz o papel de um vendedor autônomo, compra gado de um fazendeiro e vende para outro, como se fosse um corretor imobiliário, mas ao invés de vender imóveis vende soja e gado.

Carlos Lopes, de 53 anos, está nesse ramo há aproximadamente 20 anos. Ele conta que no começo foi difícil, até conseguir reconhecimento e confiança dos fazendeiros da região. “Quando comecei a trabalhar como corretor rural, fiz uns negócios pequenos, vendendo um pouco de soja de um fazendeiro para outro e ganhando algumas comissões, mas logo vi que levava jeito para coisa. Foi passando uma safra e outra e cada vez eu comercializava uma quantia maior de soja, e a partir daí os fazendeiros já começaram a me procurar para fazer negócios, oferecer seu produto para vender e outros me procurando para comprar. Hoje eu tenho meu escritório na avenida principal de Sidrolândia e não preciso me preocupar em correr atrás de negócios, porque os clientes me pro-



Foto: 4.bp.blogspot.com

curam, é um sinal de que o trabalho que eu faço está sendo reconhecido”, diz o corretor.

Segundo o economista Aldo Moura, de 24 anos, “o ramo do corretor rural é viável porque é seguro. Isso se deve ao fato do corretor trabalhar sempre com produto dos outros, portanto, ele não corre riscos de perder uma plantação inteira de soja se não chover durante a safra. A mesma coisa

acontece com o corretor que comercializa gado, geralmente ele compra o bovino do fazendeiro com 3 ou 4 anos e vende para o frigorífico, ou repassa o gado para outro fazendeiro em um curto espaço de tempo”, explica Aldo.

Helder Franco, de 26 anos, está há dois anos trabalhando como corretor rural comercializando gados, ele diz estar em uma situação confortável na área, devido ao número de clientes fiéis que ele possui. “Hoje eu posso dizer que estou estabilizado na minha área, tenho um número de clientes certos que toda semana me vendem uma quantia de gados e outros que já estão esperando para comprá-los, portanto, eu nunca perco nos negócios. Claro que não foi assim desde o começo, quando ninguém me conhecia eu ia sozinho até as fazendas tentar negociar os gados com os fazendeiros, mas com o passar do tempo, você trabalhan-

do certinho, vai ganhando reconhecimento dos clientes, e hoje eu tenho o que é mais importante para um corretor rural crescer, contatos”, afirma Helder, sorrindo.

Luiz Ramão de Oliveira, de 21 anos, é funcionário de Helder e explicou como é feito o processo na compra dos gados. “Quando o patrão compra algum gado, nós vamos até a fazenda, pesamos o bovino para conferir o se o peso está certo e transportamos até a nossa fazenda, onde ele fica sob nosso cuidado até ser vendido novamente. Geralmente não leva muito tempo”, diz Luiz.

O mercado rural está se expandindo e automaticamente vão surgindo novos corretores rurais, a fim de conquistarem seu espaço e crescerem profissionalmente. Porém, é preciso ser paciente e trabalhar honestamente para ter reconhecimento e principalmente a confiança dos clientes, para que possa chegar a um patamar confortável no mercado.

ECONOMIA

## O campo em meio à crise

**Helton Verão**

O que fazer com minha produção nesta época de crise? É o que está pensando o produtor rural de um modo unânime, pois a dúvida em fases como a atual é grande: manter a rotina de investimentos e na produção, ou breicar prevenindo problemas futuros com o bolso.

O fato é que a crise ainda não atingiu o produtor que trabalha com seus negócios dentro do próprio país, mas para quem exporta ou atua em qualquer meio relacionado aos grandes centros no interior, o impacto foi sentido.

Em discurso no final do ano passado, o Presidente Luís Inácio Lula da Silva chegou a prometer que os po-

bres não pagariam a conta da crise mundial, já os pequenos produtores não confiam. “Em um momento como esse tem que pensar com cuidado como agir, não vai ser um político com um discurso qualquer que vai nos convencer, tá com cara que falou isso para acalmar o povo” alega o pequeno produtor Jarbas Alencastro, que possui uma propriedade a 50 quilômetros da Capital.

Já um grande produtor que estava de passagem por Campo Grande, e deixou seu depoimento sobre o assunto, conta que por enquanto está tudo dentro das “normalidades” de sempre. Roberto José dos Santos afirma que apenas teve de reduzir alguns gastos como prevenção contra um possível efeito colateral da crise. “Agora não posso deixar o trator ficar rodando à toa pela fazenda, só o básico mesmo, pois se antes fazia os trabalhos pela fazenda uma vez na semana, dou uma segurada e faço a cada duas”, conta o ruralista.

Ele ainda acredita que essa crise mais para frente deve afetar os produtores bra-

sileiros, mas ainda não foi perceptível diferenças no momento da compra e da venda. “Olha não teve diferença ainda não na compra e venda, pois é bobeira de quem se esquivar disso, não vai levar a nada, tenho que manter a rotina normal, eu continuo comprando e vendendo normalmente e tudo pela mesma média de preço”, conta o criador de touros Guzerá Roberto, que possui uma propriedade em Presidente Prudente, Interior de São Paulo e estava na Capital para realização de um leilão de seus touros.

Para o economista Miguel Suarez os efeitos da crise no setor agropecuário ainda são incertos. “O pior da crise ainda não atingiu e pode nem atingir os setores do agronegócio brasileiro”, comenta Suarez. Segundo o economista, o agronegócio brasileiro está ingressando em uma etapa em que o cultivo e a área plantada serão definidas pelos custos.

E confirmando a expectativa do produtor Roberto José dos Santos, citado anteriormente, Miguel afirma que para alguns ramos da agropecuária brasileira ela ainda

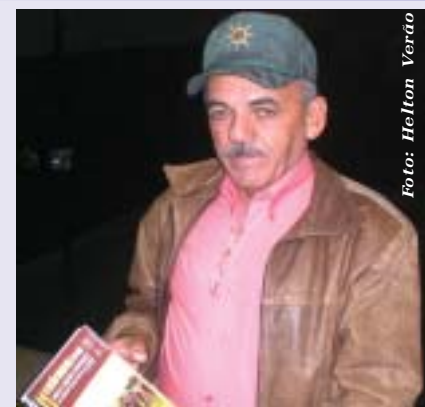


Foto: Helton Verão

**Produtor - Roberto José dos Santos**

nem chegou.

“Como a crise vem de fora da onde se movimenta o dólar, os brasileiros trabalham entre si apenas com reais, além do mais, levando em conta que o comércio de commodities agrícolas não recuou tanto quanto o comércio de commodities minerais, a agricultura é beneficiada na maior parte dos segmentos. Então logo é capaz que a crise não afete os empresários do campo”, explica o economista Suarez.

RURAL

CAMPO GRANDE - OUTUBRO DE 2009

EM FOCO



Criação prevê cuidados especiais

# AVESTRUZ exige dedicação

Edilene Borges

A criação de aves não voadoras ou ratitas, como são conhecidas, vem aumentando em vários países do mundo, entre eles o Brasil. Em meio ao grande número de espécies que compreende este conjunto está o avestruz. Em Mato Grosso do Sul há vários criadores de avestruz, também chamados estruticultores, no entanto, existe apenas um frigorífico. É o Strut Alimentos, instalado em Campo Grande, e pertencente a empresa Biotectruz, localizada em São Gabriel do Oeste.

“Hoje possuímos o único frigorífico do Estado habilitado pelo Sistema de Inspeção Federal (SIF) para o abate de avestruzes, abatendo também em sua planta ovinos”, afirma o diretor financeiro da empresa Rafael da Silva, de 22 anos.

O avestruz é uma ave corredora e seu nome científico é *Struthio Camelus*. Fácil de se adaptar a vários tipos de clima, as últimas populações selva-

gens são encontradas em território africano, de onde também são originárias. Embora a família do avestruz divida-se em subespécies, no meio comercial ela é dividida em três raças, Red Neck (pescoço vermelho), Blue Neck (pescoço azul), e African Black (originada do cruzamento entre Red Neck e Blue Neck).

Segundo a Associação dos Criadores de Avestruzes do Brasil (Acab), este mercado vem crescendo no País, e estima-se que em pouco tempo, já tenha plena industrialização, entre outros motivos, pelo bom clima e fácil adaptação do animal.

O avestruz consome em sua alimentação cerca de 1,8 mil quilos de uma ração balanceada a base de micro nutrientes, dividida em duas porções diárias, juntamente

com fosfato, sal, milho, farelo de soja e farelo de trigo. Rafael conta que a criação do animal exige certos cuidados. “Exige muita dedicação no processo de incubação, pois há elevados índices de infertilidade, contaminação e morte embrionária, posterior a isso, os primeiros dias de vida exigem muitos cuidados, é o período de maiores perdas, passado o primeiro mês de vida o animal já é mais forte, mas, até os quatro meses ainda pede cuidados, como

passar a noite em ambiente fechado, não pegar chuva, etc. Após os quatro meses de vida já é mais difícil a ocorrência de mortes, e quando ocorrem, na maioria em razão de acidentes e brigas”, explica.

A ave fica boa para o abate entre o 10º ou 14º mês de idade, assim que atinge 90 quilos. Pode produzir ovos até os 40 anos de idade, começando a partir dos três. A quantidade varia entre 40 e 100 unidades anualmente. Já o peso médio de um ovo é de 1,5 kg, e o período de incubação é de 41 dias.

Segundo Rafael, o mercado em Mato Grosso do Sul ainda é bem fraco, limitando-se a uns poucos restaurantes, mas a escolha pela criação da ave foi estratégia de mercado. “Como somos pioneiros na criação, estando no grupo dos empresários que realizaram as primeiras importações de avestruzes da África do Sul, a escolha foi a título de empreendedorismo, desafio, buscando desenvolver uma nova atividade dentro do Brasil”, declara.

A venda do avestruz para o abate varia entre R\$ 350,00 a R\$ 450,00, e além, da carne, há também a comercialização do couro, das plumas e canela. Os cortes nobres da carne do avestruz podem chegar a R\$ 28,00 o quilo, no entanto, há cortes mais baratos.



Foto: Edilene Borges

**Valioso** - A comercialização do Avestruz para o abate ocorre por preços entre R\$ 350,00 a R\$ 450,00

**Embalagens de  
Agrotóxicos**

**Lave e Devolva**

COMPROU E USOU TEM QUE LAVAR E DEVOLVER. É LEI

**Confira o que fazer em:**

[http://www.andef.com.br/dest\\_final/](http://www.andef.com.br/dest_final/)

Fique Esperto  
Todas as embalagens  
de produtos agrotóxicos  
tem que ser devolvidas.